

# REFORMULANDO AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ABRAÇANDO A PERSPETIVA DA AMÉRICA LATINA

Hazal Melike Çoban

O sistema internacional está a mudar. O paradigma da multipolaridade, dominante desde há algum tempo, está a ser substituído pelos debates sobre a Nova Guerra Fria, em função da ascensão da China e das suas relações com os Estados Unidos da América (EUA)<sup>1</sup>. Esta mudança também afeta a forma como construímos o conhecimento. Os desafios representados pela pandemia global de covid-19, a ascensão dos poderes emergentes e a diminuição do poder dos EUA em diferentes áreas levaram à necessidade de reavaliar os debates globais de governação nas Relações Internacionais (RI). Como salientam os editores, tudo isto levou ao surgimento de descentralização académica, com o pluralismo e a inclusão a tornarem-se importantes.

A crescente consciencialização e a insatisfação com as teorias *mainstream* centrais euro-americanas e o apelo de Amitav Acharya para uma disciplina de RI mais inclusiva para além do centrismo ocidental abriram o caminho para este livro. À medida que o mundo evolui para uma «ordem multiplex»<sup>2</sup>, a voz do Sul Global está a crescer. Por conseguinte, os editores acreditavam que a contribuição da América Latina e das Caraíbas como uma abordagem não ocidental é importante.

O livro *Latin America in Global International Relations* pretende demonstrar como a América Latina e as Caraíbas contribuíram significativamente para o campo das RI. Fornece informações valiosas para os académicos que se debruçam sobre a política internacional da América Latina e do Sul Global. O livro também oferece uma compreensão mais alargada da teoria das RI. O argumento principal é a forma como as ocorrências na América Latina moldam os conceitos para compreender e abordar questões globais. Os autores tratam vários

AMITAV ACHARYA,  
MELISA DECIANCIO  
E DIANA TUSSIE, EDS.

**Latin America  
in Global International  
Relations**

Abingdon, Routledge,  
2022, 267 páginas  
ISBN 978036746471



temas, como o regionalismo, a dinâmica centro-periferia, as hierarquias e o papel da agência. Argumentam que, ao considerar as ideias e práticas internacionais para além do Atlântico Norte, podemos desenvolver conceitos e teorias mais sólidos no domínio das RI.

Na introdução, Tussie e Acharya discutem a forma como a América Latina e as Caraíbas se envolvem nos debates do Norte Global e respondem a diferentes ordens mundiais. Em vez de se centrarem nas experiências dos países, os autores analisam a forma como a teoria das RI tem evoluído na região, reunindo a economia política internacional e os debates sobre política externa. Além disso, relacionam as contribuições da América Latina e das Caraíbas com os padrões teóricos dominantes. No capítulo 2, Arie M. Kacowicz e Daniel F. Wajner argumentam que um conjunto significativo, mas frequentemente ignorado, de literatura da América Latina propõe respostas e cenários alternativos às ordens mundiais dominantes estabelecidas no hemisfério norte. Aprofundam as perspectivas latino-americanas sobre ordens mundiais alternativas e exploram questões como a paz e a segurança, a economia política internacional, o desenvolvimento, a globalização e as formulações de política externa.

Os autores discutem alguns conceitos nascidos na América Latina. Um dos conceitos abordados no livro é o de autonomia. No capítulo 3, Carsten-Andreas Schulz discute autonomia e agência na política internacional latino-americana, sublinhando a necessidade de clareza concetual, particularmente na distinção entre autonomia e

agência, e destaca a importância de considerar a posicionalidade e os constrangimentos estruturais na compreensão da agência não hegemónica. No capítulo 6, Amaya Querejazu e Arlene B. Tickner argumentam que a América Latina tem conceitos e ideias únicos, como a dependência e a autonomia, que não foram totalmente reconhecidos no campo das RI. As autoras examinam formas alternativas de pensar o mundo que estão presentes no pensamento latino-americano, mas que são potencialmente incompatíveis com as interpretações tradicionais da política global. Esta exploração inclui a análise da teologia, da pedagogia e da metodologia da libertação, também conhecida como ação participativa, relativamente à teoria descolonial. No capítulo 11, Stefano Palestini apresenta também as teorias da dependência que surgiram na região nas décadas de 1960 e 1970. Defende que o sistema capitalista global está hierarquicamente estruturado em centro e periferia, com as economias periféricas dependentes das economias centrais. Salienta também as falhas das teorias da dependência e introduz o conceito de mecanismos causais de dependência para ultrapassar essas falhas. Este conceito proporciona uma compreensão mais abrangente da dependência e oferece explicações plausíveis para a persistência das desigualdades globais. No capítulo 13, María Cecilia Míguez discute o conceito de autonomia nas RI na América Latina e as suas implicações para as potências não globais. Míguez debate as origens, classificações e valor epistémico das teorias da autonomia. Salienta a importância da autonomia na compreen-

são dos conflitos nos países periféricos e a sua potencial aplicação a outras regiões. O capítulo também destaca os debates teóricos sobre a autonomia como um aspecto central da análise da política externa.

Kristina Hinds (capítulo 5) analisa a forma como o pensamento caribenho pode oferecer perspectivas valiosas para a compreensão dos assuntos globais, apesar de estar enraizado nas experiências únicas da região. A autora explora a forma como as ideias de vulnerabilidade, periferia, diáspora, cidadania e experiências crioulas fornecem perspectivas importantes para as RI. A autora defende que o pensamento caribenho, sobretudo no que diz respeito à governação e imbuído de ideias sobre raça, classe, género e sistema mundial, pode transcender as costas das ilhas e enriquecer as perspectivas globais. Por outro lado, no capítulo 8, Jorgelina Loza discute a revisão epistemológica proposta pelo feminismo latino-americano nas RI, centrando-se na participação das mulheres na disciplina e no desafio às visões patriarcais hegemónicas no seio do feminismo. O capítulo enfatiza as diferentes visualizações dos mecanismos de dominação, contextualiza questões antigas e introduz novas questões, enquanto aborda a negligência dos atores não hegemónicos. Também examina as ideias fundamentais e as contribuições epistémicas do feminismo latino-americano para o género e as relações internacionais.

No que diz respeito às relações externas da região, Oliver Stuenkel (capítulo 7) analisa a forma como a ascensão da China e a emergência do mundo pós-ocidental

afetaram a dinâmica política na América Latina. Destaca a mudança para uma ordem global mais multipolar e centrada na Ásia, que apresenta oportunidades e desafios para a América Latina. Salienta a necessidade de os governos latino-americanos reconhecerem e se adaptarem à evolução da ordem global liderada por atores não ocidentais. Adicionalmente, o capítulo sublinha o potencial da academia latino-americana para contribuir para a atualização da teoria das RI num mundo menos centrado no Ocidente, reconhecendo ao mesmo tempo a marginalização geopolítica da região como uma potencial barreira às suas contribuições.

Cintia Quiliconi e Renato Rivera Rhon (capítulo 9) exploram a influência da América Latina na economia política internacional, centrando-se nas teorias do desenvolvimento e no subcampo do regionalismo. Discutem como a economia política internacional latino-americana está enraizada nas realidades sociais e económicas da região e na sua relação com fatores globais. Argumentam que rotulá-la como uma escola distinta corre o risco de marginalizar as suas contribuições e sugerem analisá-la no âmbito da economia política global. No capítulo seguinte (10), Arturo Santa-Cruz discute o regionalismo. Explora as contínuas tentativas de integração regional na América Latina desde o início do século XIX. Apesar do sucesso limitado, argumenta que a identidade, mais do que os interesses económicos, tem sido a principal força motriz dos esforços de integração da região. Matias Spektor (capítulo 4) argumenta que a hegemonia regional pode ser estabelecida através de vários métodos coercivos e de pactos

sociais regionais. Estes pactos sociais criam redes entre as elites governantes do *hegemon* regional e dos Estados subordinados, contribuindo, em última análise, para a autoridade política global. A política interna dos Estados periféricos pode influenciar a ascensão das ordens hegemônicas e as normas das margens podem ter impacto no centro. Um exemplo disto é o pacto social regional liderado pelos EUA na América do Sul da Guerra Fria, onde a hegemonia regional apoiou o terror de Estado dos autocratas contra as sociedades rebeldes.

Para além das discussões sobre regionalismo, dependência e autonomia, Fabrício H. Chagas-Bastos (capítulo 12) tem como objetivo fazer avançar a agenda de investigação das RI globais, demonstrando como o pensamento internacional latino-americano pode inovar e contribuir para as RI globais através do conceito de «inserção internacional». O autor discute como a inovação está embutida na produção de conhecimento latino-americano em RI e enfatiza a agência do Sul em navegar pelas hierarquias e estruturas de poder globais. Em suma, o livro centra-se em ideias e

perspetivas importantes que são frequentemente ignoradas pelas teorias tradicionais das RI. Embora o livro inclua um capítulo exaustivo sobre as relações entre a China e a América Latina (capítulo 7), não consegue trazer para primeiro plano o debate atual sobre a ordem global nos últimos anos. As vantagens e desvantagens da rivalidade EUA-China afetaram o *backyard* histórico dos EUA, o que obrigou os Estados latino-americanos a desenvolverem novas estratégias para sobreviverem nesta nova ordem. No entanto, o livro lança luz sobre a forma como o pensamento latino-americano tem influenciado este domínio. Além disso, apela a uma governação global mais inclusiva para resolver problemas globais como a covid-19. O livro é teoricamente muito forte e é uma leitura obrigatória para uma abordagem mais inclusiva, de maneira a entender a política mundial a partir do olhar da América Latina e das Caraíbas. [RJ](#)

Data de receção: 26 de junho de 2024 | Data de aprovação: 16 de agosto de 2024

---

**Hazal Melike Çoban** Investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL). Os seus interesses de investigação centram-se nas relações entre potências emergentes e grandes potências, política externa brasileira e política latino-americana.

> Instituto de Ciências Sociais, Av. Prof. Aníbal Bettencourt, 9, 1600-189 Lisboa, Portugal | hazal.coban@edu.ulisboa.pt

## NOTAS

<sup>1</sup> ALLISON, Graham – *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap?*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017; DE SANTIBAÑES, Francisco – «An end to US hegemony? The strategic implications of China's growing presence in Latin America». In *Comparative Strategy*. Vol. 28, N.º 1, 2009, pp. 17-36.

<sup>2</sup> ACHARYA, Amitav – «After liberal hegemony: the advent of a multiplex world order». In *Ethics & International Affairs*. Vol. 31, N.º 3, 2017, pp. 271-285.

## BIBLIOGRAFIA

ACHARYA, Amitav – «After liberal hegemony: the advent of a multiplex world order». In *Ethics & International Affairs*. Vol. 31, N.º 3, 2017, pp. 271-285. DOI: <https://doi.org/10.1017/S089267941700020X>.

ALLISON, Graham – *Destined for War: Can America and China Escape Thucydides's Trap?*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2017.

DE SANTIBAÑES, Francisco – «An end to US hegemony? The strategic implications of China's growing presence in Latin America». In *Comparative Strategy*. Vol. 28, N.º 1, 2009, pp. 17-36. DOI: <https://doi.org/10.1080/01495930802679728>.